

TUGENDHAT E A RELIGIÃO

Tugendhat and the religion

Vinícius Cunha dos Santos*

Resumo: O presente artigo é um comentário do texto intitulado *Sobre Religião*, de Ernst Tugendhat. Procuramos inicialmente localizar, de um modo geral, como o tema da religião aparece na obra do autor, buscando seu ponto de partida e tendo em vista aquilo que ele se propõe fazer. Vê-se que Tugendhat busca aqui problematizar a religião a partir do desejo de fé, que ele vê como algo antropológico, e não só cultural, social ou histórico.

Palavras-chave: Religião. Moral. Deus. Contingência. Seriedade.

Abstract: This paper is a comment on the text *Über Religion* by Ernst Tugendhat. I try to point out the way the subject of religion appears in the work of its author, searching for its starting point while taking into consideration the author's aim. It is possible to realize that Tugendhat tries to problematize the subject of religion from a will to faith, which he sees as anthropological, and not merely cultural, social or historical.

Keywords: Religion. Moral. God. Contingency. Seriousness.

*Mestrando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
E-mail: vinidab@ibest.com.br

Introdução

O fenômeno dos ritos religiosos e manifestações que marcam a tentativa dos seres humanos de se relacionarem com seres superiores é um dado percebido em todos os estudos feitos sobre as civilizações mais antigas. Em outras palavras, pelo que se sabe até aqui, o homem, desde que passou a ser homem, sempre foi portador de sentimentos religiosos ou movidos pela fé, e a ideia de seres superiores que influenciavam seu destino sempre esteve presente em suas relações.

O presente escrito é um comentário reflexivo sobre o texto do filósofo alemão Ernst Tugendhat intitulado *Sobre Religião*. Como se trata de um tema que não é objeto de interesse só da Filosofia, mas de muitas esferas da realidade humana, teremos todo o cuidado de não nos apresentarmos como especialistas no assunto, cuidado este também tomado por Tugendhat, o que ficará claro para quem ler o texto a que nos referimos aqui.

Também devido à necessidade de tal cuidado, vamos primeiro tentar localizar onde e como o tema aparece nas reflexões do autor, para termos previamente uma ideia da importância que o tema tem para o mesmo em um sentido mais geral. Depois entraremos no texto de Tugendhat que aborda a religião a partir de seu “aparecer” enquanto fenômeno. Seu objetivo, claro está no texto, não foi abordar a religião como instrumento de dominação ideológica, nem como elemento agregador de comunidades morais. Ele também não quis trazer uma compreensão da religião a partir dos fatos históricos protagonizados por ela. Seu objetivo foi observar o fenômeno, sem negar de onde observa, mas buscando toda a lucidez possível para tal.

1. O tema da religião no contexto geral da obra de Tugendhat

Antes de entrarmos diretamente no texto “Sobre Religião”, é importante tentarmos localizar o papel que o tema cumpre no pensamento de Ernst Tugendhat, isto é, como ele aparece e quando aparece nas reflexões deste pensador sobre assuntos gerais. Essas pequenas considerações prévias serão importantes para que, ao fazermos a leitura do texto propriamente dito, tenhamos uma ideia da postura do autor frente ao tema em sua filosofia de um modo geral, o que nos auxiliará na compreensão de uma interpretação mais isolada do mesmo, como no caso do texto que em seguida será comentado.

O problema da religião tem seguidamente aparecido quando o autor reflete sobre a “Moral”. Em sua conferência “Como devemos entender a moral”, Tugendhat define o conceito de moral como “um sistema de exigências recíprocas que se expressam em sentenças de dever; esse dever – a obrigação – está calcado nos sentimentos de indignação e culpa e a cada sistema moral pertence um

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 2	Novembro 2012	p. 75-85
-----------------	-------------------	--------------	---------------	------------------	----------

conceito de pessoa moralmente boa”¹. Mais adiante, no mesmo texto, ele afirma que na história existem dois modos essenciais de sistemas morais, o autoritário, que tem justificação vertical, e o autônomo e recíproco, que tem justificação horizontal.

A religião vai entrar nessa reflexão como o exemplo clássico de moral autoritária com justificação vertical. “Se a moral tem estrutura autoritária, então a justificação é religiosa. No caso mais próximo a nós, o cristianismo, as normas morais são mandamentos divinos”². Ainda no mesmo parágrafo ele inicia uma afirmação com a seguinte sentença: “A fraqueza fundamental da justificação religiosa da moral consiste não apenas em que ela pressupõe um ato de fé”³. Ele segue argumentando sobre qual seria a sua fraqueza fundamental, ou seja, a contradição presente ao tentarmos justificar o direito que Deus possui de ordenar o sistema moral, pois nunca ficará claro se Deus ordena porque ele é bom, ou se o sistema é bom porque é Deus quem ordena, e esta confusão trará outras implicações que não serão necessárias para nossa investigação atual. O importante aqui é percebermos que o ato de fé como justificativa, para o autor, já é uma fraqueza para um sistema moral.

No quarto capítulo de suas “Lições de Ética”, Tugendhat define a moral religiosa como uma moral fechada que não dialoga com outras concepções. “Uma moral religiosa é, em princípio, também incapaz de discutir com outros conceitos morais; ela somente pode afirmar sua superioridade a partir da fé, portanto, dogmaticamente, ou fechando-se para os outros”⁴. Por outro lado, o autor afirma que a única forma de moral até hoje universalizável foi a religiosa, pois todas as outras maneiras de justificação sempre acabaram por não possuir essa pretensão, ou não conquistaram aceitação com tal alcance. O motivo de não haver ampla abertura para discutirmos outra forma, não religiosa, de justificação moral que tenha certa pretensão de universalidade, é ainda a própria religião, isto é, sua presença imponente nos processos de socialização dos últimos séculos. O fato de que:

[...] ainda muitos sejam da opinião de que uma moral somente pode ser fundamentada pela religião pode provir da circunstância de muitos de nós terem sido socializados desta maneira, e sobretudo da circunstância de até hoje não existir uma fundamentação não religiosa da moral que tenha encontrado um reconhecimento universal⁵.

¹ TUGENDHAT, E. “Como devemos entender a moral”. In: ROHDEN, Valério (Org.). *Não somos de arame rígido: conferências apresentadas no Brasil em 2001*. Trad. Adriano Naves de Brito. Canoas: Ed. Ulbra, 2002, p.27.

² TUGENDHAT, E. “Como devemos entender a moral”. In: ROHDEN, Valério (Org.). *Não somos de arame rígido: conferências apresentadas no Brasil em 2001*. Trad. Adriano Naves de Brito. Canoas: Ed. Ulbra, 2002, p.30.

³ TUGENDHAT, E. “Como devemos entender a moral”. In: ROHDEN, Valério (Org.). *Não somos de arame rígido: conferências apresentadas no Brasil em 2001*. Trad. Adriano Naves de Brito. Canoas: Ed. Ulbra, 2002, p.31.

⁴ TUGENDHAT, E. *Lições sobre ética*. Trad. Grupo de doutorandos do curso de pós-graduação em Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. Rev. e org. Ernildo Stein. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.66.

⁵ TUGENDHAT, E. *Lições sobre ética*. Trad. Grupo de doutorandos do curso de pós-graduação em Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. Rev. e org. Ernildo Stein. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.68.

Assim, antes de entrarmos no texto de “Sobre Religião” de Tugendhat, é importante que saibamos que se trata de um tema que não é central na filosofia do autor, e, além disso, quando aparece é simplesmente um instrumento para exemplificar posturas morais autoritárias e bastante fracas do ponto de vista de sua justificação. Por vezes aparece como uma espécie de entrave para o avanço do debate moral, tão desgastado e necessitado de novas concepções que deem conta das exigências de um tempo marcado pela pluralidade.

2. Como o tema é tratado no texto “Sobre Religião”

Apesar do papel instrumental desse tema nas reflexões sobre moral, o texto “Sobre Religião” não está centralizado neste eixo. Ele parte de uma tentativa de entender a fé enquanto fenômeno, buscando observar seu aparecimento e os mecanismos humanos pelos quais se expressa. Partindo do fato de que a religião não é simplesmente um acontecimento isolado geográfica e historicamente, mas um dado antropológico, ele vai tentar observar cuidadosamente as possibilidades de compreensão do homem em relação a seu mundo, mesclado a seus desejos e confusões, que podem acontecer quando ele localiza as evidências da realidade unicamente em seus próprios desejos.

Como já foi dito, Tugendhat identifica a religião como um fenômeno antropológico, isto é, a necessidade de crer em deuses ou em um Deus não se resume a um dado cultural. “A relação dos seres humanos com a religião estaria marcada por uma contradição entre desejo e possibilidade de realização do desejo”⁶. Isso se daria a partir de desejos de evitar situações-limite ao longo da vida, como a morte.

De um modo geral, os seres humanos possuem o desejo de nunca morrer, de seguir vivendo, e mesmo quando aceitam a condição de mortais ainda possuem uma enorme dificuldade de lidar com a morte das pessoas queridas. Um simples desejo realizável jamais ocasionaria a busca por uma ligação com algo que esteja além do mundo real, por parte do homem. Mas, é justamente o fato de que evitar a morte é uma busca que se choca totalmente com a realidade, impossível de ser realizada neste âmbito, que cria a necessidade de o homem lançar-se para além da mesma, ambicionando construir e fortalecer laços com o sobrenatural, onde ele poderá pleitear a realização de tais desejos, que na esfera do real estão totalmente impossibilitados de acontecer.

O desejo de não morrer é apenas um entre tantos desejos e necessidades que o homem nutre e que estão em contradição com a realidade. A religião teria sua energia basilar nestes desejos. Mas o paradoxo da religião, ou o que há de comum entre estes desejos motores da religiosidade, é a crença de que o fato de haver um desejo por algo impossível é justamente a grande evidência da existência deste

⁶ TUGENDHAT, E. “Über Religion”. In: *Anthropologie statt Metaphysik*. München: C. H. Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.191 .

algo. A isso Tugendhat chama falta de honestidade intelectual. Ele não acusará a pessoa religiosa de intelectualmente desonesta, essa interpretação seria errada e injusta, mas afirma que tal pessoa tropeça na falta de honestidade intelectual. Por isso reforço: não se trata de má intenção, de um ato deliberadamente desonesto, mas de um tropeço. Vejamos como acontece este tropeço.

O autor tem a convicção de que o mero desejo não pode servir como evidência de nada. A situação se agrava quando tal desejo repousa sobre a realização de algo impossível. O desejo, por si só, em alguns casos pode ser neutro, ou seja, não confirma nem nega existência alguma. Mas em outros casos o desejo pode ser justamente a prova da inexistência de algo, que acontece quando desejamos o que não possuímos. Quando algo é atualizado o desejo se anula, pois nesse caso tem por objeto algo que ainda não aconteceu. O exemplo dado no texto é o de Joana e João. Joana deseja que João seja namorado dela, mas ela só deseja porque ele não o é.

Enfim, o desejo pode negar a existência do desejado, ou ficar na indiferença, mas em nenhum caso ele, por si só, serve de evidência para a existência do desejado. Por isso, quem justifica a existência de algo que não é evidente, apoiando-se apenas no desejo, tropeça na desonestidade intelectual. É importante colocar que, segundo o autor, há muita gente que pensa ser o desejo por algo que não encontre eco na realidade uma evidência definitiva para a existência deste algo em algum lugar qualquer. Embora pareça logicamente claro que o desejo e a evidência ou se repelem, ou são indiferentes, nunca servindo o desejo para evidenciar a existência de nada, as pessoas normalmente não têm clareza sobre esse dado, permanecendo, na maioria dos casos, no campo da confusão entre tais conceitos. Esse tropeço caracteriza a pessoa religiosa.

Ainda neste ponto, Tugendhat faz questão de separar bem as ideias de “desonestidade intelectual” e “alucinação”, para que não se confunda, em hipótese alguma, o homem que tropeça em uma confusão entre desejo e evidência com um alucinado. A alucinação se dá quando a pessoa se entrega à crença de que algo que não está acontecendo de fato, quando de fato está acontecendo. Quando Joana, só porque deseja ser namorada de João, passa a acreditar que de fato é namorada de João, ela caiu em alucinação, pois tropeça com a realidade, crendo ser real algo que não é. O religioso não tropeça com a realidade porque sua crença ou vínculo não está e nem pretende estar nela. A vida após a morte ou a existência de Deus não estão na esfera do natural, mas do sobrenatural, e só podemos evidenciar a existência ou não de um destes fenômenos se conseguirmos acessar essa esfera, o que é naturalmente impossível. Por isso jamais podemos confundir fé religiosa com alucinação.

Tugendhat classifica três formas de se lidar com a religião, comumente observáveis nos discursos atuais. Uma nega a existência de Deus e afirma ser esta totalmente desnecessária ao homem. Outra crê em Deus, e afirma que a descrença no mesmo só se dá por falta de profundidade do desejo de crer. Ou seja, Deus existe, a prova é o desejo, e só não percebe isso quem não sabe desejar. Há ainda uma terceira posição que vê tudo como dependendo do contexto social, sendo a existência de Deus impossível de ser aferida como falsa ou verdadeira. Entre estes se encontram os agnósticos. O autor afirma que o que essas três posições têm em comum é a presunção, e diz ser mais honesto

perceber-se imerso em uma contradição entre o querer religioso e sua impossibilidade. Ele afirma que “os seres humanos necessitam relacionar-se com um deus, mas a realidade frustra esta necessidade”⁷.

Das três formas de relação listadas acima, Tugendhat pensa ser mais digna de crítica aquela que diz que Deus não existe e que não há necessidade em crer na sua existência. Para ele, existem certos aspectos da religião muito difíceis de serem abandonados pelo homem. Uma delas é a relação deste com a contingência. É inevitável ao homem fazer a experiência de não depender apenas de si mesmo para atingir suas metas e evitar contrametas. Estas seriam “os eventos futuros que se quer evitar”.

Com isso, frente às frustrações que a realidade nos traz, existem três respostas. Podemos não aceitá-las, tentando buscar novas formas de atingir as metas e evitar as frustrações que as velhas formas trouxeram. Esta seria quase uma resposta natural. Outra forma de responder é simplesmente aceitar a frustração como inevitável, fruto do acaso ou do destino, sem buscar desviar-se dela, nem atribuir sua existência a algo maior e mais poderoso. Esta seria a postura do místico. A terceira resposta seria a religiosa. Esta consiste em tirar a contingência do campo do acaso ou do destino, ou até da competência ou incompetência humana, para atribuir a ela a direção de seres superiores, que governam as intempéries da sorte.

Assim, tudo que está fora do meu controle, eu suponho estar sob controle de um outro ser objetivo e dotado de vontade. Este pode ser um deus entre deuses, ou o Deus propriamente dito. Ele será o responsável por tudo aquilo que foge à minha virtude, ele conduzirá a fortuna. Por isso ter uma boa relação com este ser é fundamental para não sermos acometidos por um azar terrível. Daí os gestos de ligação com este ser, como a oração, os pedidos, as oferendas e os agradecimentos.

Alguns podem afirmar não haver necessidade de se crer em um Deus para se agradecer por algo bom que nos acontece. Eles afirmam que podemos atribuir a graça às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram com ela. Mesmo as que por acaso e sem saber fizeram sua contribuição para tal, até mesmo as que nem sequer sabemos que existem, mas contribuíram com nossa felicidade. Seria um agradecimento sem objeto direto, para um ser impessoal, ao acaso, ao coletivo, ao conjunto das ações dos outros que porventura me beneficiaram.

Tugendhat afirma que é impossível agradecermos a algo ao qual não podemos pedir nada. Assim, se não há um Deus ou um ser pessoal que eu possa pedir qualquer coisa, não faz sentido que eu agradeça por nada, nem que eu peça por nada, e nem que eu ore. Ou seja, para Tugendhat, não faz muito sentido orar para ninguém. Tampouco agradecer. Aquele que se diz ateu e mesmo assim agradece a algo impessoal quando algo de bom lhe acontece, na verdade está totalmente no campo da crença em que algo dotado de personalidade lhe ajudou, senão não agradeceria. E mesmo afirmando, para ressaltar seu ateísmo, que seu agradecimento é aos fatos, só poderemos ter duas explicações: ou interpretamos que ele não admite ou não quer ter uma relação com um Ser Superior, mas que mesmo

⁷ TUGENDHAT, E. “Über Religion”. In: *Anthropologie statt Metaphysik*. München: C. H. Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.193.

assim o faz inconscientemente; ou interpretamos que ele está fazendo um agradecimento inútil a ninguém, algo sem a menor seriedade.

Um agradecimento sem destinatário certamente diminui a importância do acontecimento que está sendo agradecido. Esse impulso de agradecer por algo que nos acontece só existe porque valorizamos tanto a conquista de certas metas que fica difícil não vincularmos tal coisa a uma determinação superior ao meu empenho e ao acaso. Esse impulso de valorizarmos tais acontecimentos é recorrente nas ações humanas. Existindo ou não Deus ou um plano superior, algo próximo à sensação de eternidade ou infinitude sempre nos arrebatava ao travarmos contato com sucessos profundamente desejados por nós. E se, na busca por afirmar uma postura ateia, tentamos arrefecer esta sensação, imediatamente também se arrefece o sentido de profundidade que damos à conquista. Ela perde parte de sua seriedade.

Tugendhat faz uma analogia desse desejo com a sensação de proximidade com a morte. É impossível, estando-se na possibilidade de morrer, que se lide com isso como se fosse simplesmente uma possibilidade entre tantas. A morte é sempre algo que desejamos de todo o coração que se afaste de nós e das pessoas que amamos. O desejo de afastar a morte é tão profundo, em condições normais, que temos a sensação de que este desejo é muito superior a nossa mera intenção. E talvez seja, pois se temos por instinto sobreviver, este querer está acima de nosso controle, ele é mais forte que nossa autodeterminação consciente. Sendo assim, não pode ser séria a simples aceitação plena da própria morte. É claro que em uma guerra ou em casos extraordinários podemos até aceitar a possibilidade de tal sorte, mas sempre será para proteção e afirmação da vida de outros, ou da própria memória de quem deu a vida por algo maior. De qualquer forma, só se pode aceitar a morte se houver, junto desta aceitação, certa ideia de afirmação da vida.

Esse impulso independe da crença ou descrença em um Deus, pois muitas vezes o medo da morte é bem menor naqueles que possuem a certeza de que, de alguma forma, sobreviverão à morte do corpo. Quem pensa que não há nenhuma justificção maior para a vida, como fenômeno pessoal, do que o acaso, tende a temer muito mais a morte. Da mesma forma que acontece com o agradecimento, a postura de, para enfatizar certo destemor, se negar o pavor diante da morte, é esvaziar a seriedade da questão. É negar a profundidade inerente a tal sentimento. É superficializar algo que nunca será superficial em uma situação de normalidade psíquica.

Outro anseio humano que encontra vias na religião é a necessidade do homem por responsabilidade. Esta é fundamental para que o indivíduo conquiste suas metas, e não só isso, também para a sobrevivência humana. Mas ao que parece, para Tugendhat, o homem não consegue dar a mesma seriedade se a responsabilidade for apenas perante si mesmo. Assim como o homem tende a buscar algo pessoal para agradecer e pedir, também necessita disto para poder valorizar e dar status de algo sério aos deveres que precisa cumprir à custa de algum esforço.

Tugendhat explica isso afirmando que a responsabilidade não é possível sem um interlocutor pessoal. A atitude de responsabilidade teria dois lados. O responsável, por um lado, é responsável por

algo ou alguém, por outro, é responsável diante de alguém. Posso ser responsável por uma pessoa ou coisa. Também diante de uma pessoa ou de uma comunidade moral ou política. É por aquele diante do qual estamos responsáveis que seremos cobrados, por isso este tem a obrigação de ser pessoal.

Chegamos então à pergunta: diante de quem eu sou responsável pela minha vida? Tugendhat levantará algumas possibilidades. Uma delas é dizer que não tenho responsabilidade alguma sobre minha vida, o que por si só, é uma postura com total carência de seriedade. Outra possibilidade é a comunidade moral. Mas a responsabilidade por minha própria vida é algo tão íntimo, e me parece que apesar de certamente termos responsabilidades morais diante da comunidade, a responsabilidade pela própria vida já é algo muito individual, e está em outra esfera que não a pública. A terceira possibilidade é dizer que por minha vida sou responsável apenas diante de mim mesmo. Mas para o autor, só ficamos diante de outro. Não há como ficarmos diante de si mesmo, é como dizer que se está frente a frente consigo mesmo, sendo que para isso acontecer empiricamente deve haver algo como uma duplicação ou clonagem, pois é fisicamente impossível. Tugendhat ainda menciona que Husserl construiu toda uma concepção de filosofia baseado na ideia de responsabilidade perante si mesmo, mas isso nunca passou de uma expressão sem esclarecimento do que significaria de fato.

Depois de classificar estas três possibilidades como insatisfatórias, só resta aceitar que a única forma coerente de reconhecer a responsabilidade de uma pessoa perante ela mesma é admitindo que aí só pode acontecer uma relação com um ser pessoal sobrenatural, ou seja, Deus. “Isso significa que sem a projeção de um ser sobrenatural pessoal, diante do qual eu seria responsável por minha vida, a ideia de eu ser responsável pelo modo como vivo perderia o sentido”⁸. A situação fica ainda mais grave quando nos damos conta de que a responsabilidade pela própria vida é a base de todas as outras responsabilidades.

Em seguida Tugendhat vai fazer referência a Kierkegaard, que em seu livro *O Conceito de Angústia* afirma que se não tivéssemos a ideia de Deus a seriedade da vida desapareceria. Poderíamos permanecer nos ocupando seriamente de muitas coisas, mas nossa relação conosco mesmos já não possuiria mais nada de sério. Macbeth ao matar o rei Duncan afirma que sem o rei não haverá mais nada sério na vida, perecem a glória e a graça e tudo se torna vão. E para seguir as afirmações encontradas na tradição sobre o assunto, ele refere-se a Nietzsche que dizia que ao termos matado a Deus teríamos acabado com toda a seriedade da vida. E se perguntado sobre quem matou Deus, ele responderia: nossa honestidade intelectual.

Mas apesar de toda essa reflexão levantando motivos para entender porque essa inclinação antropológica é tão poderosa, se retorna ao início, ficando ainda, como grande motor do impulso religioso do homem, a contradição entre a sua necessidade de, por vários motivos, constituir uma relação com um Ser Superior, e a falta de evidência da existência deste Ser.

⁸ TUGENDHAT, E. “Über Religion”. In: *Anthropologie statt Metaphysik*. München: C. H. Beck, 2007 (Trad. Adriano Naves de Brito), p.203.

Enfim, permanece o mistério. Apesar de nenhuma evidência da existência de Deus, milhões e milhões de pessoas seguem crendo em sua existência, e vendo no desejo de relacionar-se com Ele a grande evidência que os cétricos se negam a reconhecer. O fenômeno da responsabilidade então seria um dos eixos para compreendermos melhor a busca pela ligação com o Ser Supremo.

A grande pergunta que fica, e que o autor não se ocupou nessa palestra, é: será possível construirmos uma relação séria conosco mesmos e com a vida sem que haja a necessidade de uma relação com algo superior?

Conclusão

Como já foi destacado, a religião não é um tema central na obra de Tugendhat e tem sua aparição, na maioria das vezes, para exemplificar modelos morais autoritários. Apesar disso, o texto “Sobre Religião” não é uma simples crítica moral, nem enfoca o fenômeno como mero fruto de tentativas de criar aparatos de dominação ideológica. A religião é um fenômeno antropológico muito antes de ser um fenômeno político, social ou cultural.

Há certas necessidades humanas que o induzem a procurar o sobrenatural. O que marca o impulso de fé do ser humano é a contradição entre desejo/necessidade e impossibilidade. A morte é o elemento que marca mais radicalmente esta relação, dado que o homem não quer morrer, ao mesmo tempo em que, inevitavelmente, morrerá.

O texto de Tugendhat supera a visão superficial de que crer ou não crer se resume a uma mera decisão pessoal, fruto da intenção pura. A relação do homem com a contingencialidade da vida sempre deixará a compreensão da mesma com um buraco, algo inexplicado, e a necessidade do homem de tudo explicar, faz com que ele se lance buscando tocar o intangível, querendo encontrar um sentido para algo que não apresenta sentido por si só.

Junto disso, a responsabilidade, os deveres e as conquistas, quando percebidas a partir da relação “eu comigo mesmo”, perdem sua carga de importância e seriedade. Há certa necessidade de reconhecimento por outrem em tudo que o homem faz. Como as responsabilidades mais básicas são muito íntimas, como no caso da responsabilidade pela própria vida, se torna necessária uma relação com um ser pessoal que esteja acima do “eu” e do coletivo, para que ocorra o reconhecimento de tal responsabilidade. O coletivo não serve como reconhecedor das responsabilidades íntimas porque estas não são da sua conta.

O texto aqui comentado traz como ponto forte sua visão focada na aparição do fenômeno, não seus desdobramentos históricos. Tais desdobramentos não são menos importantes ao estudarmos o tema, mas podem mascarar o fenômeno em si quando são abordados como único aspecto relevante. Tugendhat aborda os aspectos da fé que já estão latentes no homem, crendo ele em Deus ou não. A

relação do homem consigo mesmo, com a comunidade e com a natureza, lhe traz uma série de contradições que enfraquecem as referências necessárias para tais relações. Como estas são vitais, a fé passa a ser o elemento fortalecedor das referências que dão sustentação a elas, e o caminho que surge como opção para que se escape do absurdo, que enfraquece a importância da própria vida humana, tirando-lhe sentido e seriedade.

Referências bibliográficas

- TUGENDHAT, E. “Como devemos entender a moral”. In: ROHDEN, Valério (Org.). *Não somos de arame rígido: conferências apresentadas no Brasil em 2001*. Trad. Adriano Naves de Brito. Canoas: Ed. Ulbra, 2002, pp.25-51.
- _____. *Lições sobre ética*. Trad. Grupo de doutorandos do curso de pós-graduação em Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul. Rev. e org. Ernildo Stein. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. “Über Religion”. In: *Anthropologie statt Metaphysik*. München: C. H. Beck, 2007, pp.191-204 (Trad. Adriano Naves de Brito).